

Dossiê música e cena do Théâtre du Soleil

Vestindo o sol

Uma expedição ao Théâtre du Soleil: Em busca dos figurinos de Ariane Mnouchkine

Fausto Viana
Universidade de São Paulo
E-mail: faustoviana@usp.br

Resumo

O texto descreve as impressões da primeira visita de um pesquisador à sede do Théâtre du Soleil, na Cartoucherie de Vincennes, quando foi recebido pelas atrizes Juliana Carneiro da Cunha e Fabianna de Mello e Souza.

Palavras-chave: Théâtre du Soleil, Cartoucherie de Vincennes, Traje de cena.

Abstract

The text describes the impressions of the first visit of a researcher to the headquarters of the Théâtre du Soleil, in the Cartoucherie de Vincennes, where he was received by the actresses Juliana Carneiro da Cunha and Fabianna de Mello e Souza.

Keywords: Théâtre du Soleil, Cartoucherie de Vincenne. Costumes.

Preâmbulo

Em 2002, como parte do meu projeto de doutorado na Universidade de São Paulo, recebi uma bolsa para fazer uma viagem de pesquisa para Moscou, na Rússia, onde fui coletar material sobre Stanislavski; para Berlim, na Alemanha, para investigar Bertolt Brecht e para Paris, na França, para conhecer o trabalho do Théâtre du Soleil. Esse relato a seguir foi feito na noite após a visita, no mês de maio, ao chegar no albergue na região central de Paris. Estava frio, bem frio. Adicionei somente agora as imagens do que trato no texto, apesar de já ter revisitado o percurso para chegar ao Soleil e pensado sobre a visita em si inúmeras vezes. Imagens feitas com filme de rolo, nada digital – o que parece hoje uma aposta duvidosa, já que não dava para tirar centenas de imagens para escolher. A máquina digital com cartão de memória estava em lançamento – era bem mais cara do que eu podia comprar então.

Não fiz nenhuma mudança no texto porque julgo, hoje, que há ali o frescor e o entusiasmo da pesquisa, que foi um marco divisor na minha trajetória como pesquisador.

Não foi a última vez que visitei o Soleil, nem a última que os vi, graças aos deuses! Trabalhei com eles em São Paulo, na temporada de *Os efêmeros*, em 2007, quando fiquei com o desejo de ir embora com a companhia, nos moldes dos que fugiam para acompanhar o circo quando ele passava por aquelas cidades sem graça do interior do Brasil nos idos de 1950...

Fiz pequenas notas ao final do texto, para corrigir algumas impressões equivocadas que tive.

A visita à Cartoucherie e ao Théâtre du Soleil

Chegar ao *Théâtre du Soleil* já é por si só uma experiência única. O teatro fica localizado atrás do Jardim Botânico de Paris e do *Parc Florale* – o que dá uma ideia prévia dos aromas em torno do *Soleil*. Além da presença do Castelo de Vincennes nas cercanias.



Figura 1: O caminho entre a descida do ônibus e a entrada da Cartoucherie.
Foto: Fausto Viana



Figura 2: O castelo de Vincennes, no meio do caminho.
Foto: Fausto Viana



Figura 3: O portão de entrada na Cartoucherie. Foto: Fausto Viana



Figura 4: Dentro do parque em que está a Cartoucherie. Foto: Fausto Viana

O ambiente é extremamente propício à criação, não há dúvida. O espaço *Cartoucherie* não é na verdade um local só do *Soleil* – abriga mais quatro teatros, de companhias não estáveis como o *Soleil*. Nem tão famosas quanto...

Entrando no parque, na frente do teatro estão, à esquerda, seis vagões de trem que vieram da Holanda, com o objetivo de servirem de moradia para Ariane, Juliana e os dois filhos dela. Elas moraram por um grande período num quarto dentro do teatro, mas mudaram depois que cansaram de tanta mistura da vida pessoal com a vida da companhia. Atualmente, com as duas morando mais para lá do *Soleil*, os vagões são ocupados por pessoas que precisam de apoio – técnicos sem moradia, exilados políticos, enfim, pessoas que estão ligadas ao *Soleil* de alguma forma.



Figura 5: Os barracões do *Soleil* ao fundo. Foto: Fausto Viana



Figura 6: Os vagões de trem. Foto: Fausto Viana

Na lateral do teatro, existe uma pequena lojinha onde se pode comprar material sobre o *Soleil*, aberta só nas temporadas. No segundo andar fica o escritório da administração, onde encontrei com Christophe Floderer – meu facilitador nesta viagem à França.

Pela parte de trás, entra-se na oficina de produção. Aparentemente, produção de tudo! Adentrando-se esse salão, à direita, fica a cozinha –

que serve de refeitório quando poucas pessoas vão comer lá. Num anexo à cozinha, está um refeitório agradabilíssimo. O cheiro e a sensação são de que chegamos numa casa muito acolhedora do interior do Brasil. Quando a companhia inteira está ensaiando, é lá que as refeições são servidas. Tudo é MUITO limpo.



Figura 7: A sala de refeições da equipe do *Soleil*. Foto: Fausto Viana

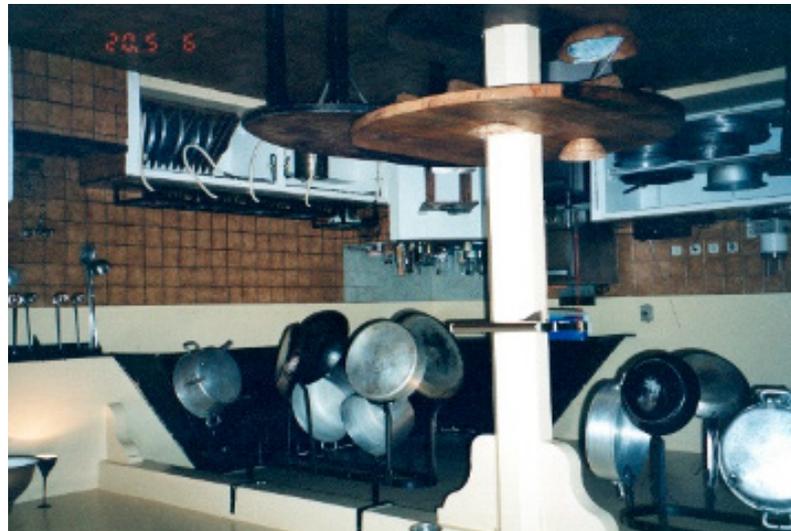


Figura 8: A cozinha. Foto: Fausto Viana

Seguindo em frente, na oficina, à esquerda, há os depósitos de comida. Destas dispensas sai a comida que é preparada e servida todas as noites depois do espetáculo. Sempre se serve o jantar após o espetáculo (ou no intervalo), independentemente de qual seja. Dizem que muita gente vai até lá perguntando pelo cardápio e não pelo espetáculo. Não duvido, já que o cozinheiro é um *chef*, o que assegura a qualidade e o nível da comida.

São em média 600 refeições por noite – o teatro está sempre reservado, o que permite um melhor cálculo da comida a ser consumida. O que sobra é sempre levado para ser doado às pessoas pobres. O ingresso para o espetáculo não inclui o jantar.

Existe um *freezer* que dá para entrar nele – comida para 600 pessoas não se guarda em geladeira comum... Ainda do lado esquerdo, em cima, fica uma espécie de depósito onde são guardados livros, material de divulgação, etc. Mais à frente, na oficina, estão, de um lado, a oficina de madeira e de outro a de metais – tudo feito no *Soleil*.

Em cima da cozinha ficam os instrumentos musicais do Jean-Jacques Lemêtre, músico e compositor da trilha dos espetáculos da companhia. Ao fundo da oficina, há um depósito longo e de certo modo estreito, de pedra, onde eram testados os cartuchos de guerra fabricados na *Cartoucherie* (quando ela ainda era uma fábrica de cartuchos) e onde os militares treinavam tiro. Agora esta galeria foi dividida ao meio, para ter diferentes funções, basicamente de depósito.

Ainda no fundo, fica a sala de calefação, com a máquina que espalha calor para toda a Cartoucherie. Curiosidade é que quando Ariane e Juliana foram morar na casa nova, descobriram que foi naquele lugar, na casa nova delas, que haviam fabricado a caldeira da Cartoucherie. Coincidência?

Entrando pela direita da oficina, estamos no foyer do teatro. O que foi o foyer, quer dizer, porque no espetáculo passado ele foi transformado em palco, onde apresentaram *Tambours sur la Digue*. O palco, que vi desmontado, foi totalmente construído para ser desmontado e montado pelos atores – inclusive nas turnês, esta última de três anos mundo afora.

Cada parte do cenário (que são pranchas de madeira de lei trabalhadas, polidas e numeradas) recebeu um saco de algodão especialmente confeccionado para ele, com numeração indicando a sua ordem na montagem. Coisas de Ariane Mnouchkine.

De volta ao salão, vê-se na parede do fundo um mapa do Tibete. Nesta parede sempre foram pintados os mapas de outros espetáculos, como em *L'Indiade*. Estar ali causa uma sensação muito especial. Tantas fotos foram feitas neste salão...



Figura 9: O hall do teatro. Foto: Fausto Viana

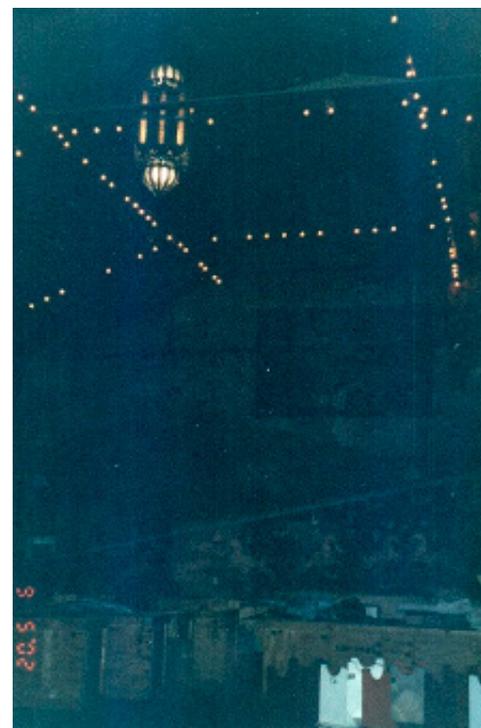


Figura 10: O hall na penumbra. Foto: Fausto Viana

Tudo estava num clima muito escuro, tudo apagado, apenas duas luzes iluminavam o saguão – que é maior em dimensão física do que se possa imaginar por qualquer foto.

Sozinho, eu não entraria de jeito nenhum. Nada de tão terrível, é que eu não entro em qualquer sala de teatro apagada, mesmo.

Mas juntos fomos, Juliana (sim, a Carneiro da Cunha), eu, Cristina (brasileira que foi para tentar vaga no estágio que a companhia abre em agosto) e Fabianna de Mello e Souza, uma brasileira que também é do grupo. E assim entramos, para testar os limites da minha curiosidade, na sala de espetáculos...

A sala de espetáculos

Imersa na escuridão, um pouco bagunçada pelo final da turnê anterior. Entramos. Juliana some por alguns instantes.

Suspense na respiração.

Um pouco de desespero, para que a coisa fosse como eu esperava.

Muita tensão.

E as luzes começam a se acender. Aos poucos, a *Cartoucherie* vai se iluminando. As pequenas luzes do teto, em tons de branco e de vermelho, vão dando vida à sala. Finalmente, acende-se a plateia e o palco, com aquela luz difusa que faz com que seja dia no *Théâtre du Soleil*.

Gritamos, aplaudimos, corremos – tolos?

Queria ver você ali. Um cheiro muito diferente, inebriante, instigante cobriu a sala. Diferente do cheiro de *curry* que senti nas oficinas. Correr e gritar era pouco – era preciso olhar, tocar, mexer, perguntar, morar ali!



Figura 11: A grande sala. Foto: Fausto Viana



Figura 12: A plateia. Foto: Fausto Viana

E andamos. A plateia, construída para *L'Indiade*, não é de madeira – é de concreto, fixa, gigante, para 600 pessoas. Não tem mais as almofadas que foram feitas para ela, mas está lá.

Por baixo dela ficam os camarins da trupe. Lá, os atores podem se maquiar, descansar, etc. O público pode se aproximar desta área e ver os atores se pre-

parando para a performance. O canto da Juliana tem, entre outras coisas, uma máscara do rosto dela em gesso, para que possam ser costuradas ali as máscaras usadas em determinados espetáculos. Uma cadeira bem confortável, espelho, livros e outras coisinhas, entre elas um boneco de comédia dell'arte.



Figura 13: Foto: Fausto Viana

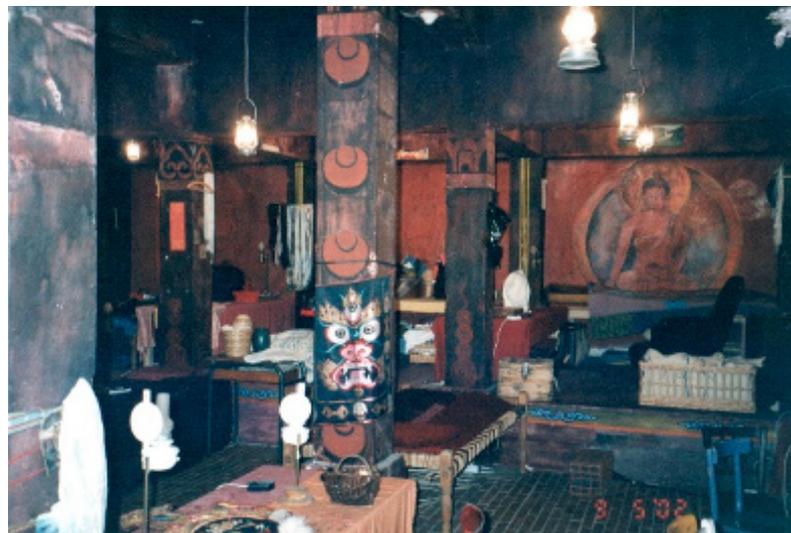


Figura 14: Foto: Fausto Viana

Juliana passa a nos contar histórias sobre o *Soleil*, que ela viveu ou ouviu. Ela conta como foi o trabalho em *Agamemnon*, em que ela era “vomitada” em cena, resgatando os princípios de teatro grego. Seu coração batia acelerado, pois ela devia ficar sentada na cadeira, que era transportada por quatro atores até o palco e só deveria sair quando eles estivessem do lado do trono, com uma leve movimentação de quadris! E que ela pensava: “Meu Deus, por que eu escolhi esta profissão?”, antes de cada espetáculo, e depois de cada espetáculo: “Meu Deus, obrigada por eu ter escolhido esta profissão!”.

Fala também da sua grande amizade com Myriam, uma das atrizes mais velhas do *Soleil*, que está junto com a companhia há 18 anos e hoje é uma de suas melhores amigas. E Juliana, pelo visto, não é só uma boa atriz: é uma boa contadora de histórias...

Ela contou das aventuras com Ariane aqui no Brasil, na última viagem a Belo Horizonte. E muitas outras, daquelas que deixam um gostinho suave de estímulo à imaginação. Ela contou de quando foram apresentar pela primeira vez na sala do *Teatro de Arte de Moscou*, na Rússia, e que tudo ia bem até que Ariane chegou perto da porta da sala principal e teve um ataque de choro, dizendo que ela não poderia entrar na sala onde Stanislavski trabalhara.

Contou que a primeira vez que esteve na *Cartoucherie* foi em 1975, para ver *L'Age D'Or*. Contou que no final do espetáculo todos cantavam e tinham que correr, dançar etc., e ela se empolgou tanto que acabou caindo e machucando o queixo. Se hoje ela ainda é repleta de energia, imagino há 27 anos...

Os figurinos

Separado do prédio principal está um outro prédio menor, onde acontecem os ensaios cotidianos, a produção de adereços e a sala de costura.

Ao entrar no barracão, do lado direito, fica a sala do Ehrard Stiefel, artista que faz os adereços do *Soleil* e é reconhecido mundialmente pelo seu trabalho com máscaras e esculturas de cena. No fundo do prédio está a sala de ensaios, que é onde acontece a elaboração dos espetáculos e ensaios do dia a dia. É uma sala de bom comprimento e largura, talvez um quarto do tamanho da Sala Principal, mas a área de representação é mais ou menos igual. Eles têm ali um tapete que cobre a sala toda. Não se pode entrar de sapato.

Ao entrar no barracão, do lado direito, fica a sala do Ehrard Stiefel, artista que faz os adereços do *Soleil* e é reconhecido mundialmente pelo seu trabalho com máscaras e esculturas de cena. No fundo do prédio está a sala de ensaios, que é onde acontece a elaboração dos espetáculos e ensaios do dia a dia. É uma sala de bom comprimento e largura, talvez um quarto do tamanho da Sala Principal, mas a área de representação é mais ou menos igual. Eles têm ali um tapete que cobre a sala toda. Não se pode entrar de sapato.



Figura 15: O barracão onde estão a sala de ensaio e a sala de costura. Foto: Fausto Viana



Figura 16: O palco da sala de ensaios. Foto: Fausto Viana



Figura 17: A plateia da sala de ensaios. Foto: Fausto Viana

No fundo da sala, do lado direito, estão araras com roupas usadas para ensaios. Do lado esquerdo, adereços e prateleiras para os atores colocarem seus pertences.

E finalmente, no fundo do palco, ou ainda melhor, atrás dele, com acesso por uma porta do lado esquerdo da área de encenação, está a sala de figurinos.

A sala de figurinos é bastante espaçosa. E tem um aspecto um pouco bagunçado, embora não seja. Tem máquinas de costura, evidentemente, manequins de costureira e prateleiras com tecidos, linhas, arremates... No fundo da sala está uma prateleira alta, repleta de vários tipos de tecido, que vêm basicamente de um fornecedor de Lyon. São tecidos lindos, de todo tipo, caros, baratos, enfim, são tecidos que podem ser mexidos e tocados por qualquer ator que precise deles. Existe uma outra prateleira que guarda os tecidos muito caros, que só podem ser tocados por Nathalie Thomas, o carro-chefe das produções de figurino no *Soleil*. Um deles é um tecido asiático feito com fibra de abacaxi que custa US\$ 450 – o metro.



Figura 18: Visão geral da sala com os tecidos ao fundo. Foto: Fausto Viana



Figura 19: O armário em que ficavam, em 2002, os tecidos caros. Foto: Fausto Viana

Do outro lado da sala estão os armários que guardam os figurinos de produções anteriores do *Théâtre du Soleil*. São armários altos, com trajés divididos mais ou menos por espetáculo. E tive acesso àquilo tudo, pude mexer, ver, tocar, perguntar sobre tudo... Os figurinos do ciclo de Shakespeare, golas oito como nunca vi tão bem executadas. Sapatos e acessórios também estão acomodados aqui. O corte das camisas é impecável.



Figura 20: Os armários que guardavam, em 2002, as produções antigas do Soleil. Foto: Fausto Viana

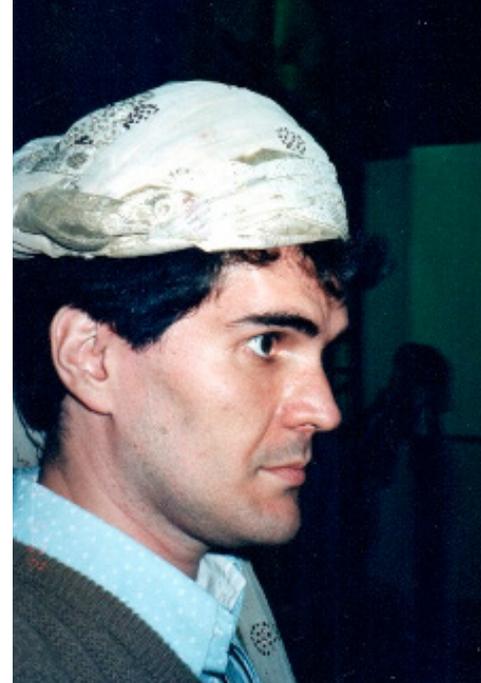


Figura 21: Uma selfie com o chapéu do Georges Bigot no ciclo do Shakespeare. Foto: Fausto Viana



Figura 22: Juliana, na Sala da Costura. Foto: Fausto Viana



Figura 23: Juliana, na Sala da Costura. Foto: Fausto Viana

A maior parte das roupas é muito pesada. Os trajes usados em *Les Atrides* são extremamente pesados, uma saia chega a pesar uns 12 quilos. Juliana explica que os trajes têm que ser confeccionados assim para que o corpo do ator receba do figurino um suporte maior, que é complementado pelas ombreiras de couro, por um suporte na cintura e por mais suportes nas pernas. Enfim, a roupa ajuda com a postura corporal e na hora da dança – que é parte dos trabalhos do *Soleil* – o corpo do ator não sai do seu eixo de gravidade.

O processo de elaboração dos figurinos começa a partir da interpretação dos atores. É através da elaboração da personagem e da necessidade de interpretação que os atores recorrem ao guarda-roupa e vão escolhendo peças que se adaptem ao que é necessário. Todos os figurinos podem ser modificados ali mesmo pelas quatro costureiras que trabalham no mesmo período em que os atores ensaiam.

Ariane pode estabelecer, por exemplo, que em uma semana eles vão ter que apresentar uma proposta de figurino que se encaixe com o que eles precisam. Nesta semana, as costureiras trabalham fazendo o que o ator pedir, sem o uso de tecidos caros. O ator deve criar o que julga necessário.

Fabianna, que está no *Soleil* há três anos, conta que uma vez trabalhou uma semana juntando informações sobre sua personagem e compôs uma gueixa japonesa, com adereços e tudo mais. Ela disse que ficou fantástico, estava se sentindo segura e tudo. E foi assim que entrou na Sala de Ensaios. Ariane chama um a um, e quando chegou a vez dela, ela nem teve tempo de dizer nada. Ouviu o seguinte: “Pode sair, não serve. Parece Carnaval no Brasil!”. Ela me disse que doeu muito, mas conseguiu superar! E parece que o dia a dia não é muito diferente disso, não.

Os atores têm toda a liberdade de propor o que quiserem. A finalização, no entanto, só se dá próxima à estreia, quando Nathalie Thomas desenha, Ariane vê e assim se completa o trabalho, com a execução nos tecidos certos. Como se vê, a base é trabalho do ator, mas de forma alguma se dispensa os profissionais de criação envolvidos no processo.

Os figurinos utilizados nos espetáculos ficam armazenados, como disse, e podem ser utilizados em diversas situações¹. Uma delas é o *workshop* que Ariane dá para atores do mundo inteiro em agosto. Nesse ano, 2002, a expectativa era que 2.500 pessoas aparecessem para tentar uma vaga. Seriam escolhidas 400 pessoas para participar. Eles esperavam uma participação maior de povos asiáticos em função da turnê ter sido grande na Ásia².

¹ Josette Ferál comenta sobre o ano em que ela participou do *workshop*: “Todos os figurinos do *Soleil* ficam à disposição dos atores. (...) Mnouchkine tem um gosto especial pelos figurinos. Ela gosta que eles sejam vivos, ricos, exatos, acabados. Estas preocupações produzem o esplendor dos trajes de 1789, a opulência de veludos e lamês, ainda brilhando para os diversos espetáculos. Durante o *workshop*, o vestir-se era parte importante da preparação, a fase que permite ao ator entrar na sua personagem”.

² Juliana contou em entrevista que o que dá trabalho não é o *workshop* em si. O problema é que, diante do imenso número de candidatos, a seleção é um grande sofrimento, um desgaste emocional muito grande, razão pela qual o tempo entre os dois últimos *workshops* foi de cinco anos.

Destes, apenas um ou dois poderão ser chamados a entrar na companhia naquele ano. Ou nenhum.

Na costura, eles sempre aceitam trabalho voluntário na execução. Todos os atores são convocados na finalização antes do espetáculo para fazer trabalhos menores. Juliana me disse que ela sempre se voluntaria, porque esse trabalho ela consegue fazer bem. Antigamente, ela conseguia carregar cenário, pesos, etc., mas agora, em função da idade (50 anos) não dá mais para fazer determinados tipos de atividade. Então, os mais jovens partem para este trabalho.

Sim, porque a vida no *Soleil* continua baseada na vida em comunidade.

O ideal do início continua vivo quase quarenta anos depois: o teatro ainda é uma das últimas aventuras do mundo contemporâneo, como diria Ariane Mnouchkine.

E pelo que pude ver, esta aventura no *Soleil* é levada profundamente a sério...



Figura 24: A lateral da parede dos “escritórios” marca o espetáculo que está em cartaz. Foto: Fausto Viana

Post scriptum

Revedo hoje o texto, sei que Nathalie não é a única responsável pelo figurino – Marie-Hélène Bouvet e Annie Tran também são. Os teatros que ficam na *Cartoucherie* hoje são: Théâtre du Soleil; Théâtre da la Tempête; Théâtre de L'Épée de Bois; Théâtre de L'Aquarium e o Atelier de Paris – Centro de desenvolvimento coreográfico nacional. Fica lá também a ARTA, a Association de Recherche des Traditions de L'acteur. Quanto ao restante, sinto que eu deveria voltar imediatamente lá para ver se está tudo em ordem, porque nunca se sabe.